



GT: 02 EDUCAÇÃO FÍSICA, CORPO E CULTURA

O HERÓI (IN)AUTÊNTICO E A PRODUÇÃO DE IMAGENS E SONS: DA INDÚSTRIA CULTURAL AO PROCESSO (DE)FORMAÇÃO HUMANA

Luciano Campos de Amaral¹

Palavras-chave: Herói (in) autêntico, Indústria Cultural, Corpo, Alienação

Introdução

O tema sobre Indústria Cultural, corpo e semiformação nasceu de uma pesquisa bibliográfica sobre as relações entre a Indústria Cultural² e a produção de um herói (in)autêntico³, arte⁴ e comum⁵

¹ O autor é acadêmico do curso de pós graduação do curso de Educação Física da Universidade Federal de Goiás. pensadorluciano@yahoo.com.br

² Expressão usada pela Escola de Frankfurt para referir-se à manipulação das consciências pelos meios de comunicação. Para Adorno e Horkheimer (1985), os atuais veículos de comunicação não são instrumentos neutros, são conteúdos ideológicos, técnicas que visam produzir nos indivíduos estados de paralisia mental, de aceitação passiva do existente.

³ O herói (in)autêntico, é o sujeito temporário na produção de imagens e sons. Quem é esse sujeito temporário na produção de imagens e sons? São os artistas de filmes, as personalidades, o big brother entre outros etc. Eles estão por um momento na mídia, transitam por um instante na “formação da consciência” das pessoas, no que vestir, comer, habitar e que corpo ter etc. A sociedade “precisa” do herói (in)autêntico, pois como diria Adorno e Horkheimer (1985), é esse herói que passa por sofrimentos, mas que no final vence e isso é muito importante para legitimar essa ordem de caos e de injustiça social que está posta em nossa sociedade. O que ele representa? Na maioria da vezes, a justiça, a bondade e a lealdade. Desse modo, como duas mercadoria idênticas que se sucedem na saída de uma linha de montagem, é quase impossível se estabelecer uma separação clara entre a pessoa e a imagem, um problema quase exclusivo dos heróis (in)autênticos. Quem é esse herói (in)autêntico? São os super-heróis da Marvel entre outros super-heróis e personalidades nacionais e internacionais que se apresentam na mídia para alienar mais e mais os trabalhadores, criando mais e mais mitos e vilões para ser imitados. A identidade dessas figuras se confundem com o seu próprio personagem. Esses heróis (in)autênticos são os que a Indústria Cultural aponta para eles como sendo as pessoas que passam por um momento difícil na vida, mas que pela sua força de vontade consegue vencer as dificuldades impostas pelas vicissitudes da vida de cada um. A Indústria Cultural, procura mostrar que a vida é dura, mas por isso mesma maravilhosa. Os sujeitos precisam passar por um momento de quase morte para depois ressurgir. “Faz parte do planejamento irracional dessa sociedade reproduzir sofrivelmente tão-somente as vidas de seus fies” (Adorno e Horkheimer, 1985, p.140). A Indústria Cultural, vive da captura dos sujeitos comuns pela imagem que esses heróis representam para a sociedade, pois de uma dieta a um pôster a Indústria Cultural aproveita tudo, transforma tudo em imagens. O herói (in)autêntico representa a vontade de ser das pessoas comuns.

⁴ Outro tipo de herói que permeia a nossa sociedade é o herói arte. É o sujeito “permanente” na produção de imagens e sons. É o drama daquelas personagens públicas que é exibida e explorada pela mídia impressa e eletrônica e que são vividas pelos consumidores de imagens contemporâneas. Em plena cultura do individualismo, da independência pessoal vive-se uma espécie de mais-alienação, de rendição absoluta ao brilho não exatamente dos objetos, mas da imagens desses objetos. Mais ainda, rendição ao brilho da imagem do corpo de algumas personalidades públicas identificadas nesses objetos. Podemos dizer que todos esses artistas/objetos sofrem com a pressão, alguns morrem e outros acabam se suicidando, como o que aconteceu com o compositor e músico norte americano, vocalista da banda Nirvana Kurt Cobain, entre outros. É nesta manifestação de subjetividades que os sujeitos comuns fãs desses artistas são expropriados do seu Ser para adotar o Ser do outro. Como se esses sujeitos ditos privilegiados não fossem também vendedores de força de trabalho, assim como a maioria dos seus fãs. O que a Indústria Cultural propicia é somente essa cultura da apropriação e da desapropriação do próprio Ser do indivíduo.

⁵ Por último, temos o herói comum ou autêntico representado pelo trabalhador assalariado, aquele que é explorado todos os dias pelo capital, que carrega em seu corpo as marcas do trabalho escravo. Esse trabalhador é aquele apresentado

que se apresentou como um signo de referência na produção de imagens e sons. O estudo foi realizado à luz da teoria crítica frankfurtiana. Os aspectos políticos, econômicos e culturais no âmbito da sociedade capitalista que funcionavam como mecanismos ideológicos de dominação foram considerados como desafios à humanização na luta para formação da autonomia⁶.

A Indústria Cultural é a indústria da diversão e seu controle efetivo sobre os “cidadãos” consumidores se dá pelo entretenimento. A verdade é que o poder da Indústria Cultural promove uma identificação com as “necessidades produzidas” pela população. “Na época de Homero, a humanidade oferecia-se em espetáculo aos deuses olímpicos; agora, ela se transforma em espetáculo para si mesmo”. (BENJAMIM, 1994, p.196). Benjamim se refere à autoalienação do trabalhador que no momento de descanso se põe em frente à televisão, do cinema e do rádio para novamente enfrentar a realidade que o consome todos os dias.

Neste aspecto, como tem sido realizado a (de)formação do corpo dos sujeitos comuns personificados⁷ pelos heróis (in)autênticos na atualidade? Esse sujeito (in)autêntico que se apresenta como um signo de referência na produção de imagens e sons na cultura contemporânea em condições estéticas serve para legitimar as objetivações da realidade social ou se propõe a resistência ao instituído?

por Marx no primeiro capítulo de “O Capital” em que Marx lança as bases de sua teoria sobre o fetichismo. Onde ele vai buscar na origem das transformações sociais que possibilitaram o surgimento do modo de produção capitalista, aquilo que a humanidade “recalçou”, a memória embutida, esquecida no corpo de cada mercadoria posta em circulação no mercado. E o que a humanidade esqueceu? O corpo do trabalhador, as formas coletivas, pré-capitalistas de produção e distribuição de bens, as organizações comunitárias que desapareceram e que sobrevivem no imaginário coletivo, representada pela circulação de mercadorias. A humanidade esqueceu a pergunta mais fundamental de todas. Quem fez este objeto? Mas não só quem fez esse objeto, mas a situação na qual foi feito este objeto, e de como vive este trabalhador que produziu tal objeto. Esse é o herói comum, aquele que foi expropriado do seu Ser, que não vive mais, apenas sobrevive. Neste sentido, é importante ressaltar que todos esses heróis culminam com a Indústria Cultural e que é breve a passagem deles. Mostrando que cada tipo de herói ajuda na construção de um determinado corpo. Fabrica um tipo de corpo que ajuda na conformação das pessoas, de como os indivíduos devem se portar na sociedade do capital.

⁶ Emancipação ou autonomia deve ser entendida aqui como um processo de libertação dos indivíduos das condições que limitam o uso da razão crítica e com isso todo o seu agir social, cultural, esportivo, econômico e político. É a busca representada por processo sempre inconcluso de passagem de uma condição de “existência sem liberdade” para outra, em que os agentes estão livres de falsa consciência e da coerção autoimposta, podendo construir assim sua cidadania emancipada. Kunz (1994).

⁷ Consiste em atribuir qualidades humanas a seres não humanos. Consiste em deusar alguém. O corpo tem se tornado padrão de referência em relação a beleza. Desse modo, a percepção do corpo nos dias atuais nos remete a um ideal impossível.

Metodologia

O método que se propôs, a partir do objeto de pesquisa anteriormente apresentado, foram os pressupostos teórico-metodológicos da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt. Baseou-se, portanto, em seus fundamentos epistemológicos, do ponto de vista do método, que se sustentaram em autores como, Kant, Marx, Freud e Weber.

No que se refere à metodologia, para apreensão do objeto de pesquisa foi desenvolvido um estudo teórico-bibliográfico, principalmente, a partir dos teóricos frankfurtianos, em especial Adorno, e outros autores fundamentais na estruturação do objeto de pesquisa que dialogou direta e indiretamente com a Teoria Crítica da Escola de Frankfurt.

Resultados

É importante frisar que o perfil desses heróis (in)autênticos estão espalhados pelo campo do esporte, da moda, da mídia e do cinema por meio de atrizes jovens, belas, brancas, adultas, magras, altas, blogueiros, youtubers e influenciadores digitais que tem mudado o comportamento e o corpo dos sujeitos comuns na construção de um corpo sem identidade própria. A ficção a realidade tem-se confundido e produzido estado de paralisia mental nos indivíduos, alienando-os.

Considerações finais

O que se percebe é que os sujeitos tem-se identificado com a beleza do herói (in)autêntico, pois existe em nossa sociedade uma pressão pela aparência que faz com que os indivíduos gastem o que tem e o que não tem para se manter dentro de um padrão de beleza. Neste sentido, pôde-se observar a construção de uma estética do corpo do trabalhador pautada por uma exigência da ordem social vigente mostrando que a sociedade exige um corpo perfeito.

Sendo assim, a construção desse “corpo perfeito” passa por processos cirúrgicos, atividades físicas, dietas e academias, etc., evidenciando também o tipo de atividade que mais influenciou os sujeitos comuns na construção dos seus corpos.

Hoje, cada vez mais cedo crianças fazem dietas, ginásticas e cirurgias plásticas mesmo sem necessidade alguma, somente para ter a aparência do herói(in)autêntico. Vivemos a era do clique, o jeito de olhar, de andar e de gesticular tudo isso foi meticulosamente pensado e reproduzido tecnicamente pela mídia, pelas novelas, filmes, seriados, em que os valores sociais não estão mais ligados ao estudo ou ao conhecimento, mas a aparência.

Referências

ADORNO, Theodor. W & HORKEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**: In A Indústria Cultural: o esclarecimento como mitificação das massas. 1º edição. Rio de Janeiro. Editora: Jorge Zahar. 1958. P. 113 – 156.

_____. **Dialética Negativa**. São Paulo: Zahar, 2009.

_____. **Educação e Emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

_____. **Teoria Estética. Arte e Comunicação**, Tradução: Artur Morão. 70º Ed. Editora: LDA, 1970. Lisboa. Pag.52 – 106.

LAKATOS, Eva Maria et all. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. **O Corpo Educado: Pedagogia da Sexualidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. 2º Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. Pag. 09 – 33.

LUKÁCS, Georg. **História e Consciência de Classe**. Estudos Sobre a Dialética Marxista. In: A Reificação e a Consciência do Proletariado. Tradução: Rodnei Nascimento. 1º Ed. Editora: Martins Fontes, 2003. São Paulo. Pag. 193 – 410.

MARCUSE, Herbert. **A Ideologia da Sociedade Industrial**. Tradução: Giasone Rebuá, 4ª Ed. Editora: Zahar, 1973. Rio de Janeiro.

MARX, Karl. O Capital: **Crítica da Economia Política**. Livro Primeiro, O processo de produção do Capital In: Processo de Trabalho e Processo de Produzir Mais-Valia. Tradução: Reginaldo Sant’Anna. – 29º Ed. Editora: Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 2011. Pag. 211 – 231.

_____. O Capital: **Crítica da Economia Política**. Livro Primeiro: O Processo de Produção do Capital. In: A Mercadoria. Tradução: Reginaldo Sant’Anna. – 29º Ed. Editora: Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 2011. Pag. 57 – 105.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**: Teses Sobre Feuerbach. Editora: Moraes LTDA, São Paulo. 1984.

MENDONÇA, Eduardo Prado. **O Mundo Precisa de Filosofia**. In: O Espírito Mágico da Civilização da Máquina. Rio de Janeiro. Editora: Agir. 1981. Pag. 75 -118.

OLIVEIRA, Marcos Aurélio Taborda. **Educação do Corpo na Escola Brasileira**. In: Marcas do Corpo Escolarizado, Inventario do Acumulo de Ruínas. (Org). – São Paulo, Autores Associados, 2006. (Coleção física e esportes). Pag.35-69.

WALTER, Benjamim. **Magia e Técnica, Arte e Política**. Ensaios Sobre literatura e História da Cultura. IN: A Obra de Arte na Era de Sua Reprodutibilidade Técnica. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. 7º Ed. Editora: Brasiliense, São Paulo, 1994. Pag. 165 – 221.

ZOBOLI, Fabio. **Cisão Corpo/Mente: Espelhos e Reflexos nas Práxis da Educação Física**. São Cristóvão. Editora: UFS, 2012. Pag. 14 – 105.

KUENZER, Acácia Z, **Formação Profissional e Competência**, 25ª reunião anual da ANPED, Caxambu-MG, Anais, 2002.

KUNZ, Elenor. **Transformação Didático-Pedagógica do Esporte**. Ijuí. Ed. Unijuí, 1994.